

## **RESENHA DOS *CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA***

Número 23 e 24 – julho de 2008.  
São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2008.

*"I've got you under my skin"*  
Cole Porter

Um caderno é um objeto que se pega entre as mãos, no qual se escreve, rabisca, desenha, que adquire cheiro e texturas próprios. Um caderno põe-se no colo, carrega-se debaixo do braço, nele se fazem anotações várias, por vezes assistemáticas e confusas. Sobretudo, um caderno é um espaço de intimidade: em suas páginas imprimem-se os registros miúdos e fragmentários de uma subjetividade. É, portanto, um legítimo caderno o que criaram Hélio de Seixas Guimarães e Vladimir Sacchetta no número dedicado a Machado de Assis dos *Cadernos de Literatura Brasileira* do Instituto Moreira Salles, publicado em julho de 2008.

Para além da excelência intelectual quer dos organizadores, quer dos colaboradores, a qual seria redundante salientar, chama a atenção justamente o convite feito por esse Caderno à frequência do texto machadiano: o volume convida o leitor a impregnar-se de Machado; não à leitura distanciada e, muitas vezes, fria, requerida pela forma analítica estritamente acadêmica, mas a um conhecimento feito a partir da convivência com o universo do autor, do percurso pessoal e maturado de experiência da obra. Por isso ganha destaque o esmerado material iconográfico, do qual é o Machado de Assis pessoa quem espreita o leitor, mediando a relação com o texto; não à toa na "Folha de rosto", em que os organizadores apresentam brevemente o que se seguirá no volume, está uma imagem do clássico pincenê do escritor pousado sobre um manuscrito seu, ilustrando em hábil jogo de palavras/imagens a mediação proposta.

Na seção "Memória seletiva" tem lugar uma versão enriquecida e atualizada da "Cronologia de Machado de Assis", de José Galante de Sousa, publicada originalmente em 1958, por ocasião dos cinquenta anos da morte do Bruxo do Cosme Velho. A minúcia e o

pioneirismo do trabalho de Galante de Sousa – indiscutivelmente a mais importante fonte para o estudo biobibliográfico do escritor – são o resultado de uma vida dedicada ao assunto, entre livros e papéis velhos. À empreitada monumental do crítico carioca soma-se a rica complementação levada a cabo pelo professor da Universidade de São Paulo Hélio de Seixas Guimarães, que estende a cronologia até os dias atuais, dando conta dos principais fatos relacionados a Machado de Assis ocorridos entre 1958 e 2008. Deste modo o leitor pode vislumbrar, em trinta páginas, não apenas um panorama dos 69 anos vividos por Machado de Assis, mas de mais de um século de crítica machadiana.

Seguem-se, sob a rubrica "Confluências", três breves depoimentos pessoais nos quais Carlos Heitor Cony, Antonio Candido e Marcelo Coelho apresentam uma "memória afetiva" de suas leituras do Bruxo. No primeiro relato, assinado pelo escritor e jornalista nascido e criado no subúrbio carioca, aflora justamente a questão da presença – ou ausência – da paisagem na obra de Machado de Assis, a qual Cony compara com um quintal visto desde a sala de visitas, fazendo uma interessante comparação com Manuel Antônio de Almeida. No segundo depoimento, o crítico e professor da Universidade de São Paulo relembra seus tempos de estudante e comenta o sentido de nacionalidade em Machado a partir da recepção dos romances machadianos por parte de seus mestres estrangeiros Jean Maügué e Roger Bastide; e fecha com outra lembrança, narrando a alegria do amigo mineiro Emílio Moura quando, em sua primeira ida ao Rio de Janeiro, percebeu que a estranha familiaridade que sentia com a cidade se devia à leitura de Machado. Por fim, na terceira memória, o sociólogo e escritor paulistano observa o quão oblíquo é também o olhar de Machado nas imagens que restam dele – literalmente, as fotográficas – e nas imagens que dele se criaram – no sentido lato –, concluindo, em coro com Drummond, que Machado esvai-se no ar.

Em "Machado de Assis por ele mesmo", recortes de crônicas, críticas e correspondências do escritor compõem uma colcha de retalhos da qual são verso e reverso traços biográficos e criações ficcionais, dificilmente discerníveis na pena do escritor. Organizados por assunto em blocos temáticos tais como "Teatro: o efêmero póstumo", "O ponto de vista da crítica" e "Amor e morte: Carolina", os trechos selecionados abarcam um

leque amplo de fatos da vida de Machado e problemas com que se deparou em seu tempo, resguardando sempre a ambiguidade fundamental – não obstante a farta referenciação histórica – desses escritos.

O Rio de Janeiro do século XIX sobrevivente no XXI é o protagonista da seção seguinte, "Geografia pessoal", ensaio fotográfico realizado por Edu Simões. Em preto e branco – como unicamente seria plausível para o escritor e suas personagens – são flagrados resquícios daquele tempo e daqueles locais, permitindo ao olhar do leitor atual passear por entre as estantes do Real Gabinete Português de Leitura; pegar carona no estribo do bonde de Santa Teresa; subir as ladeiras do Livramento; descobrir uma Vênus coxa no meio de um jardim; e esperar os paquetes no Cais Pharoux.

Uma carta e cinco poemas escritos de próprio punho são reproduzidos em fac-símile e em transcrição na seção "Manuscritos". Como os próprios organizadores ressaltam no texto introdutório, "os manuscritos do maior prosador da literatura brasileira conservaram sobretudo seus versos". A publicação dessas peças – digamos – marginais no *corpus* da obra machadiana justifica-se, todavia, não apenas por apresentar uma face do escritor que não se revela em outras partes, mas também, e fundamentalmente, por dar mostras da grafia de Machado de Assis. Na gestualidade da escrita a mão – com sua velocidade, sua espessura, sua sinuosidade – reside um fascínio aurático cujo poder sobre o leitor é encantatório; e, no processo escritural que nela vem à tona – com seus concertos, rasuras e titubeios –, um manancial precioso para o analista.

Seção mais alentada do volume, "Ensaaios" traz a contribuição de seis pesquisadores do mais alto calibre. Dar notícia de cada um desses textos não é o objetivo desta resenha, considerando-se, em primeiro lugar, que o debate crítico que eles suscitam jamais poderia ser resumido em algumas poucas linhas; e, em segundo, que não há o que comentar quanto à densidade e sofisticação das pesquisas apresentadas, pois todos os autores selecionados são figuras consagradas nos vieses críticos em que atuam. Assim, cabe aqui apenas elencar o time escalado, as posições ocupadas e admirar o à vontade dos jogadores em campo: Alfredo Bosi explora as "Figuras do narrador machadiano", questionando o estatuto do narrador ficcional e propondo um "campo intersubjetivo comum"; John Gledson investiga

as intersecções entre ficção, nacionalismo e paródia através do conto "A parasita azul"; Jean-Michel Massa promove uma reabilitação da produção de Machado de Assis ligada ao teatro, concentrada na década 1859-1869; Cristovão Tezza examina com lupa a camada da linguagem de alguns contos de Machado a fim de melhor compreender a relação entre "Mundo urbano e mundo rural nos contos do mestre"; Lúcia Granja lança luzes sobre as crônicas do Bruxo, enxergando também aí a presença de um narrador, o qual manipula sua prosa a partir de negociações com o veículo e os leitores; e, por fim, Hélio de Seixas Guimarães faz aflorarem os principais paradigmas em torno dos quais se organizou a recepção da obra machadiana.

Encerra o volume um inestimável guia bibliográfico que remete às edições em vida, póstumas e estrangeiras dos livros escritos por Machado, bem como à imensa fortuna crítica acumulada até o momento da feitura do Caderno. Torna-se clara, mais uma vez, com essas "páginas recolhidas", a proposta dos *Cadernos de Literatura Brasileira* de configurarem-se como portas de entrada nos universos dos autores contemplados, como mapa a abrir caminhos para os percursos individuais de aprofundamento de cada leitor – seja profissional ou não. Lançado no bojo das celebrações do centenário da morte do escritor, o número dedicado a Machado de Assis dos *Cadernos* tem como maiores méritos minimizar essa distância de um século e aproximar o escritor de seus leitores atuais – fazendo esses últimos carregarem o primeiro dentro de si, *under our skin*.

Marcelo da Rocha Lima Diego  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, Brasil

Marcelo da Rocha Lima Diego é mestrando em Literatura Comparada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, bolsista da CAPES. Durante sua graduação em Letras (português-literaturas, também na UFRJ) foi bolsista de Iniciação Científica do CNPq na

Fundação Casa de Rui Barbosa, onde atuou nas pesquisas sobre Machado de Assis coordenadas pela pesquisadora Marta de Senna.